



NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Higiene Social

TERAPÉUTICA E TURISMO

A propaganda turística tem tomado, em Portugal, um grande incremento, graças à louvável iniciativa das Juntas de Turismo, ao seu carinhoso esforço em prol das nossas belezas naturais, dos nossos monumentos, da nossa arte, da nossa indústria, de tudo quanto pode concorrer para tornar digno de relevante apreço e geral admiração o lindo jardim à-beira-mar plantado.

Há, porém, um assunto que parece não merecer aos ilustres componentes deste valioso agente do progresso a devida atenção. Queremos referir-nos à acção terapêutica. De facto o turismo e a cura são ideias tão inteiramente associadas que dificilmente se pode aceitar a realização de uma sem a outra.

Nenhum local do País, com expoente turístico, se apresenta isolado sem indicações terapêuticas.

São as termas com a sua hidrologia; as praias com actuação iodada; as estâncias de altitude com o seu ar ozonizado; a planície com a sua acção sedativa.

E' em toda a parte a terapêutica dando a mão ao divertimento, o remédio abraçando o gozo.

Quanto mais se caminhar no progresso da cura, mais se sobe no concerto do turismo. Impõe-se por isso atentar em que as estâncias de cura constituem necessariamente excelentes motivos de turismo e não esquecer o aproveitamento e a divulgação de tudo quanto possa concorrer para melhorar as suas condições.

Infelizmente esta interpretação não ganhou ainda raízes no conceito turístico das respectivas comissões.

Constituídas por pessoas de grande destaque moral e social que ao progresso da sua região votam religioso culto, elas esquecem todavia a parte curativa que lhes é inerente. E não é raro até, infelizmente, na sua propaganda de divulgação, o olvido das vantagens que para a saúde podem advir da frequência das estâncias a seu cargo.

E daqui resulta que os turistas, munidos das suas cartas de informação, dos seus guias itinerários, de elementos esclarecedores dos motivos de atracção da região que visitam, passam em completa ignorância da existência de agentes terapêuticos que a maior parte das vezes constituiriam razão justificável, argumento incontroverso para uma longa permanência.

E' que nisso encontrariam a dupla vantagem de curar o espírito e o corpo.

Em geral são as entidades encarregadas de velar pelas propriedades curativas das estâncias lançadas a um completo isolamento por parte das Juntas de Turismo e que parece pretenderem constituir um organismo de ideais mais alevantados a que não se adapta a propaganda terapêutica.

Ora isto não está certo. E' preciso, para o nosso progresso, que a propaganda do turismo não exclua o seu mais valioso motivo.

De outro modo resultam

Cento e nove

Não se trata daqueles «cento e nove impávidos marotos» que se diziam amigos de Camilo.

Não! Trata-se antes da idade daquele velhinho — «o Mói», como era conhecido — que esta semana fôra a enterrar, depois de ter vivido 109 anos e labutado cerca de 90.

90 anos de trabalho! Que formidável labor!

O leitor, que não conheceu o ancião, há-de julgar que êle conseguiu, após quasi um século de luta, amealhar o suficiente para assegurar um tranquillo fim de vida.

Mas engana-se!

E engana-se porque êle finou-se no meio de relativo conforto, é certo, mas esse foi-lhe prodigalizado pela benemerência de algumas almas generosas.

Contrastes desta vida! Aquele trabalhou tanto e nada conseguiu — aquele e muitos.

Outros, mais felizes, conseguem tudo e nada fazem.

E' a lei da vida! — diz-se.

Mas há que concordar que nada tem de justa.

LOUVOR

Merece-o, caloroso e sincero, quem se dignou atender àquilo que a imprensa vinha há muito pedindo, e nomeadamente o *Notícias de Guimarães*: — a iluminação do relógio da Oliveira.

Mas não foi só o relógio que beneficiou desta medida, acertada e justa, posta em execução na última quinta-feira. Também o monumento da Colegiada ficou excelentemente iluminado, o que verificamos com muita satisfação.

Também já constatamos que a rede camarária iniciou, dentro da área da cidade, o serviço de caça aos cães vadios. Boas e justas medidas — há que proclamá-lo e reconhecê-lo. É o nosso reconhecimento aqui fica.

DE TUDO... UM POUCO

Valha-nos Deus e Maria Santíssima! Credo! Parece que o senhor Diabo — cruzes, canhoto! — leva a sua de vencida... E se não vejamos as obras, as lindas obras em que ficaram as obras de restauração da elegante igreja de S. Domingos!

E' uma maravilha de desleixo e de descuido o que se está passando há longos meses com este caso, o qual si pode afirmar-se esquecido de tudo e de todos, principalmente de quem traz ligado o seu nome a tantas obras de arte em monumentos nacionais... O' senhores! Tenham piedade! Não deixem que o mafarrico ria de contente atraz daquelas pedras sagradas pelo tempo e pela idade...

A Primavera chegou, no presente ano, mais cedo. Antecipou-se, como se vê, muitos dias, e verdade, verdade — ela é sempre bem vinda, porque nos tira do corpo os horrores do frio e, de sobre as costas, o pesado fardo a que é costume chamar-se... sobretudo. E a Primavera é sobretudo a alegria das senhoras e das crianças, principalmente das primeiras que viviam oprimidas até à garganta abafada de agasalhos de penugem macia e morna...

Começa a Natureza a estar em festa, os campos mais cheios de sol e o céu mais azul.

Bem-vinda seja a Primavera!

inúteis os melhores esforços e depressa baqueiam todos os motivos de atracção.

NOCTURNO

NO CAMPO; NOITE; UNS ARES OUTONAIIS; RAROS ASTROS TREMENDO NESSA ALTURA ONDE A NOSS'ALMA A DIVAGAR PROCURA A PÁTRIA DAS VENTURAS IMORTAIS...

PUPILAS LUMINOSAS DE CASAIS CONTEMPLAM FIXAMENTE A NOITE ESCURA. COMO UM VAGO SUSPIRO DE AMARGURA PASSA O VENTO NA FRANÇA DOS PINHAIS.

RESPIRA-SE UM EFLÚVIO DE SAUDADES... VEM DE LONGE, DE INCÓGNITAS HERDADES, O LADRAR APAGADO DOS LEBREUS.

TUDO SE EMBEBE E AFOGA EM NEGRAS TINTAS, E NO CAOS DAS FORMAS INDISTINTAS O SILENCIO MEDITA COMO UM DEUS!

ROBERTO DE MESQUITA

Farpas

A mocidade que passa

Todos os anos e neste dia, a Sociedade Martins Sarmiento, que é justo orgulho da terra vimaranense, faz a distribuição de prémios aos alunos mais distintos das diversas escolas do concelho.

Não há festa mais bela nem mais juvenil do que esta, realizada no mês que traz a Primavera e em que se premeia a grande colmeia que frequenta as escolas, primaveras a desabrochar, prometedoramente, nos estudos que são a luz da inteligência e um guia de orientação no futuro.

Almas infantis veem assim compreendido e acarinhado o seu esforço, o seu apêgo aos livros, a sua dedicação aos mestres. E é desta maneira que melhor se lhes pode inculcar ânimo e dar-lhes novos alentos.

A educação da Mocidade é um dos problemans que mais interessa a todos os povos, na hora desvairada que se atravessa. E porque assim é, diversos Estados se têm lançado com afan à conquista dessa Mocidade, livrando-a de certas influências de meio e de doutrina que a corrompem e a tornam inútil, quando a não convertem em seres pusilânimes, sem vontade própria, sem orientação definida, sem rumo certo. Para evitar êsses males, a educação da Mocidade merece carinho particular e a formação da sua inteligência tem que ser feita à clara luz do sol e debaixo dos ensinamentos da História dos povos.

Não é, pois, numa apagada e vil tristeza que a Mocidade se deve formar. E', sim, no grande amor da Pátria que ela deve ser criada e instruída, para que possa ser forte, disciplinada e patriota.

Antes que os Estados se tivessem interessado por tão importante assunto, já em Guimarães se premiava o valor e o mérito das crianças, distribuindo-lhes prémios e dando-lhes, assim, ensejo a novos aproveitamentos e a uma melhor dedicação aos trabalhos escolares.

E é, sob êste significado, que devemos sentir, em toda

a sua beleza e em toda a sua grandeza, esta festa de 9 de Março, esta festa tão bela e de há tanto consagrada a Mocidade que passa.

São João das Caldas, 9 de Março de 1938. X. X.

Mataduras

Era centenário.

Ter vida cem anos é duro fadário.

A vida é ardor, trabalhos insanos, alegria, dôr.

Mal da Humanidade se todos durassem, se todos chegassem a ter essa idade.

MARY COTTA.

Criticas Pequenas

Em 14 de Fevereiro último acabou de ser impresso o volume de 195 páginas com que o sr. M. Costa Pereira se habilitou a «ser homem».

Semeia e colherás passou de aforismo a titulo de livro.

Quadras carinhosamente trabalhadas, sonetos de parnasiana formação, uma história dramatizada em verso de acentuada naturalidade, cinquenta e quatro páginas em branco, vinte e cinco com o recantinho de uma quadra, eis a sùmula do livrinho que dest'arte se avoluma enganadoramente.

Uma vantagem nos traz: lê-se num relâmpago.

Evidentemente o Autor deixou esquecidos nas gavetas muitos ensaios de poeta, até se sentir com bagagem para a sua demonstração de que já é homem. O trabalho do verso revela anos e anos de tentativas na perfeição do versar.

Já não é pouco, para honra sua.

G.

VENDEM-SE

8 cães coelheiros e 1 perdigueiro. Nesta Redacção se informa. (52)

Um quilómetro

A Junta Autónoma das Estradas, no louvável intuito de nos indicar caminhos, assim como distâncias, tem espalhado, por toda a parte, inúmeras placas com êsses esclarecimentos.

Mas, contra aquilo que deveria ser, nem sempre a quilometragem indicada confere com a realidade. Por exemplo: ali, na Torre da Alfândega, vemos a indicação de que S. Torcato fica a 7 quilómetros, e, logo à entrada dos Palheiros, somos informados que o percurso diminuiu 1, pois uma outra tabuleta marca 6 quilómetros.

Nós não queremos afirmar, porque nunca medimos, mas estamos desconfiados que semelhante quilómetro é muito pequeno. Não haverá engano? Parece-nos que sim, mas até lhe achamos graça, porque, naturalmente, é para equilibrar a légua da Póvoa, que costuma ser sempre de uma medida abonada.

Legião

Portuguesa

Festa Comemorativa do Juramento de Bandeira dos Legionários do Batalhão 13

Como já noticiamos, realiza-se, hoje, nesta cidade, com grande brilhantismo, a festa comemorativa do Juramento de Bandeira dos Legionários do Batalhão n.º 13, a que vem presidir o Comandante Distrital da Legião Portuguesa, a quem está preparada uma carinhosa recepção.

O programa geral das festas de hoje é o seguinte:

Chegada, às 9 horas, do Ex.º Sr. Comandante Distrital da Legião Portuguesa, às Taipas, onde será aguardado pela Secção Motorizada.

Revista, às 9,15 no local do Proposto, pelo Ex.º Comandante Distrital, ao Batalhão n.º 13.

Desfile do Batalhão pela Rua de Paio Galvão, Praça de D. Afonso Henriques (Poente), Largo 28 de Maio, Rua de S. Dâmaso e Largo 1.º de Maio.

Missa e Bênção das Bandeiras, às 10 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira.

Inauguração da sede da Legião, às 11 horas.

Na sessão solene comemorativa deste acto usaráo da palavra os Ex.ºs Srs. Delegado Concelhio da Legião Portuguesa, Dr. Fernando Aires, Presidente da União Nacional, da Câmara Municipal e Comandante Distrital da Legião Portuguesa.

Festa do Juramento de Bandeira, às 14,30, no Campo do Benlhevai.

Jantar de Confraternização de todos os legionários, às 20 horas, num dos salões do Internato Municipal.

Programa da Festa do Juramento de Bandeira, no Campo do Benlhevai

1.ª Parte — 1.º, entrega das Bandeiras ao Batalhão n.º 13, gentilmente oferecidas pelas distintas damas vimaranenses; 2.º, aloçções pelos Ex.ºs Srs. Delegado Concelhio e Hugo de Almeida; 3.º, entrega da Bandeira da Mocidade Portuguesa; 4.º, discurso do Delegado Provincial da Mocidade Portuguesa; 5.º, Juramento de Bandeira.

2.ª Parte — 1.º, exercícios pela Mocidade Portuguesa; 2.º, exercícios táticos pela Legião; 3.º, exercícios de Lançamento de Granada; 4.º, exercícios de esgrima de Baioneta.

3.ª Parte — 1.º, carga de baioneta; 2.º, luta de traveseiros; 3.º, luta de tracção; 4.º, lançamento de granadas; 5.º, corrida de estafetas; 6.º, marcha em continência pela Legião e Mocidade Portuguesa.

Vária

O Epaminondas

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

Ao dr. Nuno Simões (êste esboço a lápis)

Era o mais antigo, ou, como por lá sói dizer-se ainda, o autenticamente gótico, o primitivo e genuino, e o mais casmurro dos personagens na comédia da frequência e usuais tramoiadas do *Café da Vila*; aquele taciturno e coçado Epaminondas — até onde nos pode levar, no baptismo, a carolice dum helenista ou a zumbia inchada do padrinho «brasileiros»! — que, no acto solene e memorado da inauguração da *Guarita Municipal*, comprou anchissimo bispote, e com êle veio dependurado no mendinho, braços e mãos, suas mãos enormes, ósseas e cabeludas, pendentes e cruzadas sobre o ventre, cheio de impertigamento e protesto, por entre a Filarmónica que charangava o lino e a turba pasma, até à esquina mais próxima! O Epaminondas só ia duas vezes por dia ao Café, ao contrário dos muitos, de três, e dos bastantes, de quatro e cinco, senão mais — à uma da tarde e às nove da noite — e tanto se lhe dava de sentar-se à direita ou à esquerda, nesta ou naquela mesa, sempre livido, taciturno e solitário; mas, de cada vez, demorava-se horas a fio, tomava, invariavelmente, o seu cafésinho... e era sempre o último a sair.

Não tinha emprêgo, nem rendimentos — o Epaminondas vivia da sua miséria. E vivia, sem preocupação de qualidade alguma. «Fortuna» ou «Pobreza», «Felicidade» ou «Desventura» eram para êle «ermos vagos da metáfora poética, embaamentos de oratória pechisbequeira. Como o grande boataria da grande Tebas, que em suas ingentes lutas, assassinara-se, e poderosos combates — êle, a estes períodos rotundos, o nosso Epaminondas sertanejo, denomina-os «os rufos da asneira a baquetear no tambor do estilo» —, por novas estratégias, descobrira ou meridiana tática «espicalente» e o termo é dêle e sinónimo de sobre-excelente e não gasta, de existir e passar sem carência ou mingua de cousa alguma. Havia que comer — tomava café. E, quando, raro, nem o café — duas tarraçadas de água, que o deixavam na mais abacial das plénitudes.

Neste homem, que precedera em seu filosofar — ou atamancar — sobre os movimentos da vida, em relação ao tempo e ao espaço, — os einsteinsismos da relatividade —, a chalaça, a acomodação e a paciência eram absolutas e infinitas; e, agora, moncho murcho de inválido, sem qualquer influência venúsina ou freudiana, sólidas e enternecedoras.

O pelintra do Epaminondas tinha estirpe genealógica — centopeias de avoengos que fragroraram nas batalhas históricas; ainda se lambusara na infância com as résteas e migalhas das heranças delapidadas. Como todo o bom cavaleiro português, mantinha perduráveis três virtudes — o seu casacão esfiapado e miserável.

Porque nesse velho casacão, no doento e rôto, o Epaminondas abrigava os três segredos ou as três artes do seu viver.

(Continua)

Eu nasci como a gaiovta Perto do mar, entre escolhos... Por isso é que se não esgota A água do mar em meus olhos!

Humberto de Campos (Bras.)

Refere Bruno (J. Pereira de Sampaio), em uma de suas páginas: «Duas espécies de socialismos há (conta-se que dissera um dia, na palestra descuidosa da familiaridade, Rodrigo da Fonseca Magalhães). Um é o socialismo que quer que os que andam de casaca, passem a andar de jaqueta, para que todos andemos de jaqueta. O outro é o socialismo que quer que os que andam de jaqueta, passem a andar de casaca, para que todos andemos de casaca. Os socialistas da primeira maneira pretendem cortar as abas das casacas dos que andam de casaca, para que fiquem a andar todos de jaqueta. Os socialistas da segunda escola pretendem, ao contrário, pregar umas abas nas jaquetas dos que andam de jaqueta, para que fiquem todos a andar de casaca. Eu, se tiver de vir a adoptar algum desses dois socialismos, será o segundo que adoptarei».

Bons e ingénuos tempos, mesmo através da graça mordaz de Rodrigo da Fonseca! Hoje, nem casacas nem

Gazetilha Sociedade Martins Sarmiento

A Festa do 9 de Março--Distribuição de prémios Brilhante Sessão Solene

Vamos ter Festas graúdas, *olarilla*, vamos ter umas festanças taludas com atracções campanudas, daquelas de fazer ver.

Este ano tudo é diferente, vai tudo de vento em pópa, para que assim, muita gente que só foi impertinente, em tom de lórpa, abra a boca.

Irá ser muito falada esta Festa de uma cana, pois vai ser abrilhantada com assombrosa tourada e mais «Marcha Gualteriana».

Tem havido reuniões com fartura, diz o povo, mas das deliberações e mais suas conclusões, nada se sabe de novo.

Isso pouco nos importa, para a frente é o caminho, a gente cá, não as corta, anda mesmo toda morta por gozar um bocadinho.

E não pretende saber o que diz o *consistório*, mas quer a certeza ter que se vai ouvir, e ver, música e mais foguetório.

A cidade iluminada, muita gente a passear, barracas de *limonada*, mas daquela arroxada... para bem se refrescar.

Queremos festa e pagode que nos desperte alegrias e que a tristeza sacode, borge enquanto que se pode, esta vida são dois dias.

Camara Dão.

Prédios urbanos

Vendem-se cinco moradas de casas terreas, com suas dependências e terrenos de horta, tendo uma delas um prédio de cultura com a área de 3600^m, sitas no lugar de Soalhões, da freguesia de Silveiras, deste concelho, muito próximo da estrada nacional.

Rendem anualmente 1.800\$00. Dirigir propostas ao sr. Dr. António do Amaral, advogado, desta cidade. (56)

43.000\$00

Tem para colocar sobre 1 a hinotáca, ua totalidade ou em fracções, a Associação Vizelense de Beneficência, com séde em Vizela.

Dirigir-se ao Presidente Dr. Arménio Caldas. (47)

jaquetas. São jaquetões e blusas; mas, o jaquetão deixou de ter feição exclusivamente burguesa, e a blusa reveste-se de vários nomes, formas e aspectos.

Olhos de água nascente, olhos de uma tão límpida frescura, que, só de os contemplar, a alma se sente diversa de repente, regenerada e pura.

Carlos Magalhães de Azevedo (Bras.)

Um vilancete do escritor e poeta brasileiro *Goulart de Andrade*, da Academia Brasileira de Letras, falecido o ano passado:

Perfume
É tão cheiroso o teu véu
Que ao vê-lo a gente presume
Que não é véu, é perfume.

Volts
Teu véu, desejada minha,
De tão leve e transparente
Menos se vê que se sente;
Ou melhor — mais se adivinha.
Nele tanto olor se aninha
E é de névoa tão escassa
Que através d'ele se passa.

Foi-se esgarçando, esgarçando
Tornou-se aéreo, tornou-se
Fluído, de essência tão doce
Que já não sei como eu ando...
Doido sei que estou pensando
(Tanto aroma em si resume:)
Que tens um véu de perfume.

E ao sorver o delicado
Cheiro teu indefinível
Creio que o véu invisível
Em mim ficou enrolado.
Eis por que penso, anjo amado,
Que sentindo o olor do céu
Vivo dentro do teu véu.

Dizem os sábios modernos, que são muito diferentes dos sábios antigos, terem os factores económicos a principal determinância nas guerras actuais. Laboram, vezeiramente, os sábios em erro crasso. As guerras modernas só tem servido para o esmagamento e ruína económica dos povos, vencedores ou vencidos — outro puro enfiamento, porque, hoje, todos, afinal, são dolorosas vítimas —, como para esse esmagamento e ruína vem tragicamente contribuindo a desvaivada olimpíada corrida aos armamentos.

Todos os anos, no dia do aniversário do nascimento do Mestre e Sábio Martins Sarmiento — 9 de Março — a prestigiosa e benemérita Sociedade Martins Sarmiento, instituição de arte e cultura que é o orgulho máximo de Guimarães, vem cumprindo alevadamente, nobremente os fins que se impõe — os de premiar a Inteligência e o Estudo. Festa cheia de grandeza moral e espiritual, ela tem o seu cunho bem gravado no coração daquelas a quem a saúde guarda em doce lembrança, porque também um dia — há quantos anos! — lá foram receber o prémio do seu amor ao estudo e ao saber.

É sempre linda, eternamente bela a festa do 9 de Março que a Sociedade Martins Sarmiento oferece à Cidade e Concelho de Guimarães, procurando, ano a ano, por torná-la mais atraente, vincá-la mais fundo no espírito dos vimaranenses, profundá-la no significado altruista do seu lema de «Promotora da Instrução Popular no Concelho de Guimarães», lema belamente cumprido e que a geração passada e presente verifica com simpatia e aplauso, bendizendo-a na sua Obra de viver do Espírito para o Espírito.

Relatemos com brevidade a brilhante sessão solene que a Sociedade Martins Sarmiento realizou na última quarta-feira — 9 de Março — para a distribuição de prémios aos alunos mais distintos das Escolas do nosso Concelho.

O vasto e elegante Salão da benemérita S. M. S. encontrava-se repleto: Autoridades, Professorado Primário e Secundário e alunos dos Estabelecimentos de Ensino além de centenas de pessoas de todas as categorias sociais da cidade e concelho.

Aberta a sessão, da presidência do prestigioso Presidente do Município, sr. Capitão José Magalhães Couto, secretariado pelos srs. Capitão Mário Cardoso, ilustre Presidente da S. M. S., e Professor João Rodrigues Marques, distinto Delegado do Director Escolar do Distrito de Braga, a Orquestra Vimaranense executa, a seguir, o Hino da Sociedade, que a assistência ouve em silêncio. Findo este, usa da palavra o ilustre Presidente da douta Colectividade, que pronunciou o seguinte discurso, salientando o seu significado e importância:

Ex.^{mo} Senlor Presidente da C. M. Minhas Senhoras Meus Senhores

Comemoramos hoje o centésimo quinto aniversário do nascimento do Vimaranense ilustre que foi uma das mais altas glórias da nossa terra e uma das mais brilhantes mentalidades da segunda metade do século XIX. Desde o ano da fundação da Sociedade Martins Sarmiento, em 1882, que inalteravelmente se vem realizando esta festa, já hoje tradicional, em honra do austero e sábio Patrono da Instituição. Faz hoje, portanto, 56 anos que a benemérita Colectividade levou a efeito a sua primeira festa pública de homenagem a MARTINS SARMENTO, com uma distribuição de prémios aos alunos mais distintos das escolas oficiais do Concelho, em sessão solene da C. M., perante as autoridades da Comarca e do Concelho, Chefes de Corporações locais, professores, consócios, etc., sendo Presidente do Município o sábio jurista-consulto Dr. António Coelho da Mota Prego, e primeiro Presidente desta Casa o eminente Dr. José da Cunha Sampaio, irmão do preclaro Historiador das *Povos Marítimas* e das *Vilas do Norte de Portugal*, Dr. Alberto Sampaio, outro Vimaranense notabilíssimo e grande amigo de Martins Sarmiento, homem de profundo saber, que António Sardinha, se não estou em lapso, comparou ao grande Fustel de Coulanges!

Nesse festivo dia 9 de março de 1882 realizou-se ainda, à noite, no Teatro de D. Afonso Henriques um brilhantíssimo Sarau que teve o seu maior animador e entusiasta na figura distinta e aristocrática do falecido Barão de Pombeiro. Martins Sarmiento foi ali carinhosamente ovacionado pelos seus conterrâneos, que sentiam um justificado orgulho e um íntimo desvanecimento no prestígio, cada vez maior, que os trabalhos científicos do grande Investigador vimaranense lhe grangeavam, não só no País, mas nos principais meios culturais europeus.

Desde então, como disse, nunca mais esta festa, de cujo início acabo de fazer a rápida evocação, deixou de realizar-se. E, hoje, ela é para todos nós como que um acto religioso, um ritual sagrado que nós praticamos periodicamente, quasi com a mesma devoção espiritual e a mesma fé com que os piedososromeiros depõem, no dia próprio, a oferenda votiva no altar do Padroeiro.

Martins Sarmiento é, sem contestação, uma glória nacional, mas também, e principalmente (digamo-lo com orgulho), uma glória muito nossa, muito de Guimarães, muito querida dos cidadãos desta Terra, tão amada e tão cheia de tradições que nos são gratas e honrosas.

Sr. Presidente da C. M. de Guimarães:

É com a mais viva satisfação que hoje recebemos V. Ex.^{ta}, Vimaranense activo, criterioso, inteligente e culto, homem de nobres sentimentos e de invulgar capacidade de trabalho, que, dentro das suas altas funções, sabe o que quer e parz onde vai, animado do mais fervoroso espirito nacionalista, e do mais patriótico desejo de bem servir a sua Terra.

A Câmara Municipal de Guimarães e a Sociedade Martins Sarmiento têm andado sempre, desde a criação desta Colectividade, intimamente irmanadas no benemérito esforço da defesa dos interesses cívicos e do Concelho. A primeira Instituição oficial e representativa da Cidade, e a primeira Instituição cultural vimaranense mutuamente se têm auxiliado nesta campanha dedicadamente bairrista. Assim continuaremos, estou certo, a caminhar unidos, não só promovendo, animando e desenvolvendo a instrução popular deste Concelho, acção que constitue o lema e o timbre da Sociedade Martins Sarmiento, mas pugnando com denodo por todos os problemas e aspirações de interesse vital e colectivo para a terra de Guimarães. Pode, portanto, V. Ex.^{ta} contar sempre com o esforço e o apoio leal desta Sociedade, no que ela for aproveitável e útil para uma cooperação activa no vasto programa administrativo que a Ex.^{ma} Câmara da sua ilustre Presidência deseja e há de levar a cabo.

Sr. Presidente:

E de uso antigo, neste dia, o representante da Sociedade M. S. fazer uma rápida sùmula da actividade social da Instituição, durante os últimos doze meses.

O acontecimento culminante para nós, na orientação e direcção dos trabalhos da Casa, neste lapso de tempo, foi o manifesto apoio dado pelas superiores entidades oficiais ao nosso persistente esforço, circunstância esta que, naturalmente, nos é grato registar, pela inofensível demonstração que ela envolve do crescente prestígio da nossa Instituição, perante os Poderes do Estado.

De facto, em abril de 1937, a Direcção Geral dos Monumentos Nacionais concedeu à Sociedade Martins Sarmiento, para restaurar e escavações arqueológicas na Vila de Britelas, a verba de 15.000 escudos, e, em fevereiro do corrente ano, nova verba de 10.000 escudos. Em maio do ano findo o Ministério das O. P. auxiliou com a participação de 60.000 escudos as obras de continuação do edificio da nossa sede social. Ainda nesse mês, o Ex.^{mo} Sub-Secretário do Estado das Finanças deferiu sem hesitar um requerimento em que a Sociedade solicitava a isenção da contribuição incidente sobre um legado com que foi contemplada pelo benemérito capitão José Pereira Tórreres Carneiro. Finalmente em dezembro do mesmo ano, o Instituto para a Alta Cultura, do Ministério da Educação Nacional, dotou a Sociedade Martins Sarmiento com a importância de 5.000 escudos para publicações de carácter científico, nomeadamente a reedição do *Guia Ilustrado da "CITANIA E SABROSO"*. E se atendermos a que a nossa Colectividade é uma Instituição particular e autónoma, livre portanto da directa ingerência do Estado, — estas frequentes, valiosos e desinteressados auxílios ao desenvolvimento da sua acção social, obtidos sem necessidade de os mendigar, nem de falsos reclames de cartaz, são bem significativos da consideração que a Sociedade M. S. continua a merecer, e do modo correcto e discreto como ela tem sabido manter inalteravelmente o seu antigo e justificado prestígio.

No departamento da administração interna tem esta Casa persistido em ser regida pelo mais inflexível espirito de ordem e de escrupulosa economia no critério da aplicação e distribuição de seus rendimentos. Dentro das possibilidades de um limitado orçamento, melhoramos as habitações das propriedades rústicas da Instituição, efectuamos as reparações mais urgentes no edificio da nossa sede, demos à Secção de Indústrias pré- e proto-históricas do Museu uma instalação moderna e coníguua, que V. Ex.^{ta} terá ocasião de verificar, e começamos a organizar a nova Secção de Arte contemporânea, provisoriamente aqui instalada, neste Salão de Festas, e que, como V. Ex.^{ta} vê, conta já um apreciável número de obras primas de alguns dos mais notáveis Artistas nacionais. Falta-nos apenas, entre os serviços de maior utilidade e urgência, ordenar a Secção de Numismática, e concluir o Catálogo sistemático geral dos nossos museus, trabalho este que esperamos poder ultimar ainda durante o corrente ano económico.

Pelo que se refere ao campo puramente espiritual, está na lembrança de todos o brilho que revestiram as festas de homenagem à memória de Raúl Brandão e de Moreira de Sá, requintadas noites de Arte, que em maio passado tiveram lugar, e bem assim a nossa colaboração no Centenário de Gil Vicente. E já que falo no Mestre inegalável do Teatro Português, pa-

rece-me oportuna a ocasião para pedir a V. Ex.^{ta}, como ilustre Presidente do Município, que, no seu programa de trabalhos, não deixe protelar a realização do monumento ao grande Geodógrafo Vimaranense, verdadeira glória nacional, monumento esse cuja primeira pedra foi solenemente lançada em junho de 1937. Exige-o a honra, o brio, e até a velha fama que a nossa Terra tem gozado sempre de ser um meio acentuadamente devotado às elevadas manifestações da cultura intelectual. Nem só de pão vive o homem.

Ex.^{mas} Professoras e Srs. Professoras do Ensino Primário:

Algumas palavras especialmente dirigidas a V. Ex.^{tas} Palavras de agradecimento pela vossa gentil presença nesta festa, que, em parte, é também dedicada à exaltação do vosso esforço, à glorificação do vosso trabalho exantivo e nobilíssimo de despertar e desenvolver a inteligência infantil; palavras de aplauso e saudação pela forma dedicada como vos consagrais, como vos entregais inteiramente a esse benemérito apostolado.

Educar e instruir são duas missões intimamente ligadas e que mutuamente se completam. Esclarecer a inteligência, dar uma formação moral à criança, robustecer o seu organismo — eis as três grandes finalidades da educação: intelectual, moral e física. É esta a estrutura definitiva da pedagogia moderna, e foi nesta directriz que se orientou a formação desse corpo solidário e uno, desse organismo nacional que é, já hoje, uma bela realidade — a MOCIDADE PORTUGUESA. Com esta Mocidade há de criar-se em Portugal, dentro de alguns anos mais, estou certo disso, uma mentalidade nova. A geração, que estamos preparando, há de necessariamente reagir, despertar em si própria a verdadeira consciência cívica, e consolidar definitivamente a Revolução Nacional, como nosso pleno ressurgimento, dentro da civilização ocidental, latina e cristã.

Srs. Professoras e Ex.^{mas} Professoras:

Desde o soletrar das primeiras letras, desde as primeiras horas do ensino das crianças que vos são confiadas, tende sempre a preocupação instantânea de inculcar aos vossos pequeninos alunos, a devoção da Pátria, que deve estar acima de tudo, para que eles, um dia, já homens feitos, possam profundamente arraigado no espirito, por estes primeiros ensinamentos, o orgulho do nosso glorioso passado, a confiança na sua hora presente, e a fé inquebrantável no futuro e nos destinos de Portugal.

Não quero terminar sem dirigir à Ex.^{ma} Professora da Escola Oficial de S. Cláudio do Barco, D. Arlinda Carvalho Araújo, os mais calorosos agradecimentos da Direcção desta Sociedade pela gentileza com que nos honrou, accedendo ao convite que lhe fizemos para usar da palavra nesta festa. Dotada de primorosas faculdades intelectuais e de uma sólida cultura pedagógica ela honra a sua distinta classe, e mantém pela sua profissão um verdadeiro culto. Vai esta Senhora proferir, dentro em pouco, uma breve dissertação, pelo êxito da qual desde já a felicito, certo de que as suas palavras hão de revestir o interesse que a sua invulgar inteligência de antemão nos garante.

Tenho dito.
Segue-se-lhe o sr. Capitão Magalhães Couto, que assim dissertou:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Principio por agradecer a V. Ex.^{ta}, Sr. Presidente, as suas amáveis palavras de saudação não só pelos sentimentos de benevolente amizade que elas para mim significam, mas ainda e principalmente pelo apoio desta alta Instituição de Cultura à obra administrativa que, a Câmara a que presido, se propõe executar.

Tem V. Ex.^{ta}, Sr. Capitão Mário Cardoso, exercido dentro desta Casa uma acção de tão excepcional relevo que já hoje o impõe ao reconhecimento e gratidão de todos os vimaranenses e até à consideração dos Altos Poderes do Estado facilmente verificada nos auxílios de toda a ordem quasi espontaneamente concedidos a esta Sociedade cujos brilhantes destinos V. Ex.^{ta}, secundado sem dúvida pelos seus colegas da Direcção, solidamente vem preparando.

Podemos, na verdade, facilmente apreciar aqui, em rápido golpe de vista, a forte personalidade do realizador, as manifestações do requintado Artista e os primeiros de um culto espirito que V. Ex.^{ta} denuncia em tantos trabalhos já concluidos ou em via de realização completa no relativamente curto espaço de tempo da sua gerência.

A Sociedade Martins Sarmiento consagra a reunião deste dia a homenagem os esforços da inteligência. De justiça me parece, por isso, que sejam os primeiros tributos para V. Ex.^{ta} que vem realizando dentro desta Instituição uma notável obra, tanto

As pòveiras

Nós somos daqueles que louvamos a vinda das *pòveiras* a esta cidade, porque foram elas — esse favor lhes devemos — que tornaram possível que o peixe, designado genericamente por esse nome, fosse à mesa dos remediados, e a sardinha à boca dos pobres.

E, incontestavelmente, essas mulheres praticaram uma obra meritória para aqueles que têm menos dinheiro que o necessário, muito embora viessem em demanda do seu negócio — a luta pela vida — mas este segundo caso não nos interessa.

Mas muito embora estejamos gratos por tudo o que dizem, não lhes conferimos o direito de caminharem pelos passeios quando levam o tabuleiro à cabeça, obrigando a desviar-se delas todo aquele que segue em sentido contrário, sob pena de, se o não fizer, ser atropelado por uma mulher barriguda que nos ameaça com a sua *tonelagem* e mais com a água suja que escorre do tabuleiro.

Não, isso não pode ser, nem mesmo o Código de Posturas consente semelhante coisa.

no campo material como nos domínios do puro espirito.

Sr. Presidente:

Evocou V. Ex.^{ta} há pouco os vultos mais eminentes da história de Guimarães.

Gil Vicente, Martins Sarmiento, Moreira de Sá, Alberto e José Sampaio, são na verdade valores da maior grandeza na história da nossa terra e até da nossa Pátria.

Quiz-me parecer que não seria por simples acaso que a recordação de tão ilustres obreiros das nossas glórias do passado tenha vindo juntar-se aos anseios de ressurgimento que agitam presentemente a alma vimaranense.

De Sarmiento, escrevia Avelino Guimarães nesse número único da Revista que na minha infância recebi como prémio de um tudo nada de aplicação ao estudo, que ele pertencia à categoria selecta dos mortos que falavam.

Contemplando a nossa inacção, o desapêgo e até desamor pelas nossas cousas, talvez todos queiram dizer-nos que meditemos os seus trabalhos, que sigamos o seu exemplo e os apontemos às gerações do futuro como modelos a imitar.

E o trabalho que vos incumbe Srs. professoras e ilustres professoras.

Possam os anos futuros, em idênticas reuniões como a de hoje, trazer-vos, como verdadeiro galardão aos vossos serviços, com a satisfação de terdes concorrido — pelo vosso exemplo, espalhando ensinamentos e formando caracteres — para que hajam «Portugueses da antiga usança de um só rosto, uma só fé», o reconhecimento público de que bem haveis cumprido o vosso dever.

Pela parte que nos cabe, tenhamos esperança de que, dentro em breve prazo, no que se refere a Gil Vicente, o bronze, o mármore ou o granito, amorosamente trabalhados, perpetuarão em monumento condigno a gratidão dos vimaranenses de hoje a quem foi um filho ilustre desta terra e um grande português.

Disse.

Suas Ex.^{tas} foram calorosamente aplaudidas pela numerosa assistência. A sr.^a D. Arlinda Carvalho de Araújo, inteligente Professora da Escola de S. Cláudio do Barco, falou ainda sobre «O Rejuvenescimento psicológico da gente lusa», sendo demoradamente aplaudida pelo seu primoroso discurso.

Procede-se, após os discursos e por entre estrondosas salvas de palmas, à distribuição dos prémios pelos alunos que, durante o ano lectivo findo, mais se distinguiram na aplicação aos seus trabalhos de estudo, recebendo prémios pecuniários e em livros, bem como diplomas comemorativos desta Festa, alguns alunos do nosso primeiro Estabelecimento de Ensino, da Escola Industrial e Commercial Francisco de Holanda, do Internato Académico, das Escolas Officiais da Cidade e Concelho, das Escolas e Colegíjos de S. Francisco, N. S. da Conceição, N. S. de Lourdes e Sagrado Coração de Maria, Oficinas de S. José, bem como dos Cursos Nocturnos e de vários Postos de Ensino.

O sr. Joaquim Augusto de Moura Vasconcelos, da Escola de S. Jorge de Selho, também recebeu um prémio — justo e bem merecido prémio aos seus esforços empregados em prol da instrução, porque, estando a reger quatro classes, conseguiu levar um maior número de alunos a exame no ano lectivo findo. E assim terminou esta festa tocante de simplicidade, mas grandiosa e sublime, no seu formoso significado — o prémio ao Estudo e ao Trabalho.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Casa dos Pobres

Sobre o artigo publicado no nosso último número — «A Casa dos Pobres e o auxílio de que carece», recebemos a seguinte carta, que penhoradamente agradecemos:

...Sr. Director do «Noticias de Guimarães»

A respeito do último artigo sobre a Casa dos Pobres desta cidade e a qualidade de assinante e leitor assíduo do Jornal que V... criou e tem dirigido com aquela independência que é própria de quem prefere quebrar do que torcer, permita-me, sr. Director, que eu me associe por este meio à satisfação de muitos vimaranenses por terem dentro das antigas e gloriosas muralhas desta nobre cidade quem coloque acima de tudo os legítimos interesses desta sua e minha terra. A minha expressão, sr. Director, de antes quebrar do que torcer, fundamenta-se na lição do passado do seu Jornal, que, desprezando o criminoso servilismo, tem cumprido, com justiça para todos, o seu dever de bem servir Guimarães. E' evidente — e isso ninguém o pode duvidar — que dentro dessa linha de conduta nem todos se encontram satisfeitos, porque o nível da Justiça está subordinado — como não podia deixar de ser — à natureza dos actos das pessoas visadas. Sem reservas de intenções nem focos de apreciações suspeitas, tenho verificado que o «Noticias de Guimarães» não se preocupa com pessoas, mas sim com acções e com factos. Quer isto significar que a *divisa* do Jornal pode ser mal compreendida por aquelas pessoas que não têm direito a elogios, sem que, contudo, essa circunstância prejudique os merecidos louvores que outras sabem conquistar. Plenamente integrado na defesa de todas as justas aspirações dos Vimaranenses, confesso-lhe, sr. Director, que tenho pelo seu «Noticias» uma veneração grande, livre, como sempre, de qualquer preconceito — quer político, quer religioso, etc. O que me interessa — como lhe venho dizendo — é a orientação que tem sabido imprimir ao Jornal, colocando em primeiro plano o progresso desta terra. E se há assuntos que têm prendido a minha atenção, um deles tem sido o que diz respeito à Casa dos Pobres, que é, inegavelmente, uma Instituição sem a qual impossível se tornava resolver, com bons resultados, o problema da mendicidade, do qual se vinha falando desde há muitos anos, mas, infelizmente, sem qualquer resolução surgir. Surgiu, de facto, há poucos anos, isto é, com a fundação da Casa dos Pobres, cuja existência ainda não tem o amparo que deve ter, porque nem todas as pessoas que a devem auxiliar se resolveram definitivamente a dar cumprimento a esse dever e a essa obrigação. E' deste modo sucede o seguinte: Por um lado, aparecem diferentes factores a criarem um aumento considerável de necessidades, que levam os atíngidos a recorrer à Casa dos Pobres, sempre pronta a abrir as suas portas a todas as pessoas que ali vão pedir protecção. Em sentido contrário, porém, falha o auxílio de que é digno aquele Santuário de Caridade: uns deixam de ser subscritores; outros deixam de se inscrever; outros reduzem as suas cotas; outros, ainda, cometem o crime de desdenhar, em vez de procurarem ir junto das pessoas de dinheiro com o fim de conseguir delas protecção para o engrandecimento da referida Instituição. E' preciso, pois, que cada Vimaranense contribua, dentro das suas possibilidades, para a manutenção da Casa dos Pobres, correspondendo, dessa forma, aos desejos de todos quantos por ela se interessam, no número dos quais está V... por intermédio do seu Jornal. Desculpe, sr. Director, o ter-me alongado de mais, e creia-me seu ded.^o e ob.^o

Guimarães, 9-3-38

M. S.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

CARTA DE UM HERDAMENTO que pertence ao Castelo de Guimarães

Saibão os que esta prezente carta virem que eu Dom Afonso, Rey de Portugal e do Algarve dou e concedo a P.º Glz. e a todos os vossos sucessores aquelle meu herdamento, regengo que pertence ao meu castelo de Vermuti e jaz a par do mesmo castelo na parochia de S. Salvador de Joane como parte da sua banda com a vila de pousada e pela ouzaria de Sam Martinho e da outra banda como parte polla vinha da correidoura com a metade do campo que chamão cogulhude com tal condição que fica nelle hum meio cazal e o lavres e aproveites e pagues delle em cada hum anno de foro a mim e a meus sucessores a terça parte do pão e vinho e de todo o fruto que se der e por heira de galum costeiro de pão e por Samjo amartinho hum maravedi de direitura e deveis de ser meu homem e darame a Lustosa como a dão dos outros meus cazais que jazem apar desse herdamento e vos e todos os vossos sucessores ajais esse meu cazal por este foro para todo o sempre e o não o vendereis nem escambares nem emprazares o dito herdamento nem enlheares por nenhuma maneira a cavaleiro, nem a Ordem, nem a Snr.ª generosa, nem a escudeiro, nem a filho de alguo, nem criares filho, nem filho de filha de alguo, mas querendo-a vender, doar ou escambar a dita herdade fallaes com homem trabalhador que a mim e a meus sucessores paguem por inteiro o dito foro, em testemunha do que vos dou esta minha carta, dada em Lisboa a oito das calendas de Maio. El-Rey o mandou por sua corte. Martim Piz (?) o notario a fez. Era de 1341 annos.

(Mass. 489 Pomb. pág. 25 dos Reservas Bibliot.ª Nac. referente a D. Afonso III).

P.º Alberto Gonçalves.

Um apêlo!

Quem, à noite, passear pela cidade facilmente constata que a maioria — quasi a totalidade — dos nossos estabelecimentos comerciais estão mergulhados em treva.

Não nos é difficil adivinhar a razão a que obedece esta medida, posta em prática pelos srs. comerciantes. Mas também devemos afirmar que a economia que pretendem fazer de certo modo lhes redunde em prejuizo, porque "quem não vê não cobiça". Ora, há muitas pessoas que aproveitam a noite para espreitarem as novidades que as montras lhes possam oferecer, visto de dia não terem tempo para isso. Mas como não há luz, essas pessoas deixam de ver e portanto de cobiçar.

Além disso é feio constatar-se tal penumbra num meio comercial da importância do nosso.

Vamos, senhores comerciantes, façam um sacrificiinho! Iluminem os seus estabelecimentos, dando com isso mais vida à cidade ao mesmo tempo que propagandeam os artigos neles expostos.

Toca a reagir, a acudir a modorra.

Valeu?

Palavra de honra que aquelles que atenderem este apêlo lhe publicaremos aqui o nome com as letras todas.

Podem crêr!

Vamos começar a anotar.

VENDE-SE

Automóvel "Fiat", — 500 — em estado de novo. Tratar com Amílcar José Lopes — "Foto-Cine", — Oliveira, 19-1.º.

desporto

Ainda o caso Boavista-Vitória

Em virtude do impedimento dos seus colaboradores da especialidade, não tem o «Notícias de Guimarães», muito contrariadamente, dado aos últimos acontecimentos desportivos, isto é, aos decorridos de há um mês a esta parte, o relêvo que eles mereciam e merecem. Para não deixar que tudo passe sem que digamos, embora com desenvolvimento ninguado que se compadeça com as condições da factura da gazeta, o que esses acontecimentos nos sugeriram. Aqui estamos lançando mão a uma tarefa nada agradável.

Os primeiros acontecimentos de vulto foram os do já por demais celebrado Vitória-Boavista, occorridos no fatídico domingo, 13 de Fevereiro, no Campo de Benlhevai. A especulação que certos sectores de opinião fizeram acêrca deles, deturpando a verdade, inventando e mentindo com ascoroso descaro, só merece, inteiramente mereça, a classificação de — miserável. Com efeito, raro se foi tam longe no capitulo da desvergonha.

Nada custava pintar os factos com a gravidade que eles, na verdade, tiveram. Aumentá-la, à custa de mentiras e invencionices, é próprio de quem procura alcançar fins usando não importa de que meios.

Viram os leitores, no último número deste jornal, a transcrição do officio que a direcção do Vitória enviou à do Boavista quando este club atravessou recentemente uma gravissima crise de ordem material que o ia eliminando de qualquer actividade desportiva. Documento nobilissimo, esse, que é fiel retrato das virtudes civicas dos que estão à frente dos destinos do campeão distrital! Pois êle teve, como resposta, segundo nos informou pessoa que nos mereçe crédito, um outro documento, dirigido à F. P. F. A., a propósito dos acontecimentos a que nos estamos referindo, que muito desabona a boa-fé (para não usar de expressões mais causticantes) dos directores do club do Bessa. Este facto daria motivo a larga dissertação sobre a lealdade no desporto, que ficaria para maré de melhor disposição e de mais espaço...

Felizmente, a entidade máxima do foot-ball nacional apreciou o caso com isenção e foi absolutamente justa na decisão tomada. Pese embora aos derrotistas e aos sábios que por aqui se comprazeram em afirmar que essa decisão não poderia deixar de implicar graves ou gravissimas sanções e que, de qualquer modo, o jôgo não seria repetido, — o certo é que aquella decisão foi, repetimos, absolutamente justa. Acompanharam-nos, aos tais sábios e derrotistas, mais ou menos encobertamente, alguns jornalistas, que aproveitam todas as oportunidades para mostrarem que não morrem de amores pelo Vitória. Pois também ficaram desiludidos...

Mereça, porém, o que se passou, no dia 13 de Fevereiro, no Campo de Benlhevai, a mais severa e formal condenação. Embora da precipitada e infeliz invasão do campo nada houvesse resultado de grave (não se registou qualquer agressão e os exaltados prontamente obedeceram aos rogos dos dirigentes e das autoridades), é dever imperioso desapoiar a atitude dos invasores ou dos responsáveis pela invasão, que não souberam manter aquella serenidade que é imprescindível dote de todo o verdadeiro desportista. Saber enfrentar os azeres da sorte, agüentar com estoicismo as consequências péssimas das arbitragens más, perder com dignidade, — são virtudes cujo culto jámais pode pôr-se de parte. Foi a primeira vez que aconteceu semelhante coisa. Pois que fôsse a última — são os nossos votos. Caso contrário, adeus foot-ball em Guimarães!...

Campeonato da II Liga

Da secção desportiva do «Correio do Minho» transcrevemos, com a devida vénia, a crónica abaixo, referente ao jôgo de repetição Boavista-Vitória, disputado no passado domingo na cidade de Braga:

O «Vitória» lutou com ânimo mas perdeu por 3-0 com o «Boavista»

Jôgo entusiasta, rodeado de emoção, o encontro Vitória-Boavista, realizado ante-ontem no campo da Ponte, como repetição daquelle que em Benlhevai decorreu em circunstâncias irregulares, foi uma verdadeira partida de campeonato, na qual os dois teams, com a preocupação objectiva de marcar, raras vezes se lembraram de que o futebol tem beleza, e que é nesse pormenor que o publico mais o admira e com a sua pratica mais se emociona.

Jôgo duro, jogado muito mais em força que em concepção técnica, o encontro Boavista-Vitória, mesmo assim, foi, se apenas atendermos a isto, uma grande partida, um «match», disputado com formidável elan pelos dois adversários, que não conseguiram, o vencedor, descansar abertamente sobre a vantagem conseguida, e o vencido con-

formar-se com os caprichos da sorte, porque o Vitória, em verdade, não foi sobre o terreno, mesmo durante o largo espaço de tempo em que actuou apenas com dez homens, sensivelmente inferior ao Boavista.

Certo que o grupo do Bessa atirou mais vezes ao goal, obrigando Ricoca a maior número de intervenções do que aquelas em que Pesqueira foi solicitado. Mesmo assim, porém, a punição de 3-0 não serve para ajuizar da diferença de classe demonstrada pelos dois adversários neste encontro que — é preciso dizer-se — o Vitória aliou sem dois titulares, suspensos pela Federação, e viu o team reduzido a dez homens por ter sido expulso do terreno, minutos antes do intervalo, o seu médio-direito, Alberto Oliveira.

Sem técnica apreciável, portanto, mas com apreciável apêgo à luta de lado a lado, o primeiro tempo não indicou nitidamente o vencedor.

Territorialmente, houve equilibrio, e o Boavista apenas se afirmou grupo mais batido no engodo que os respectivos dianteiros demonstraram pela baliza.

Um remate de Julho, que deu a primeira sensação de perigo, saiu a centímetros do poste, e logo uma intervenção de lima a um centro bem colocado de Antero, evitou nova possibilidade, de tentar o goal.

Ricoca foi ainda, nos primeiros 45 minutos, obrigado a duas defesas de recurso, que deram outros tantos pontapés de canto, marcados sem resultado. Antes, porém, já havia sido marcado o primeiro canto na tarde, contra o Boavista, e também já Pesqueira se havia estirado para segurar um remate mal intencionado de Pantaleão.

Foi já depois da meia hora, que Arnaldo pôde, de surpresa, bater Ricoca, com um forte pontapé que fez tabela na trave.

O goal, porém, não deu confiança aos portuenses, nem levou o desânimo ao Vitória, que porfiou na luta, buscando um empate que jámais conseguiu obter.

Mna atitude incorrecta do seu médio-direito, colocou os vimaranenses, em circumstâncias de inferioridade. Alberto Oliveira foi expulso, e o grupo castigado com uma grande penalidade, marcada para os núveus.

Se nesta altura o Boavista marca o seu segundo ponto, o seu triunfo desenharia-se com nitidez. Mas como não aconteceu assim, o Vitória ganhou ânimo e continuou a dar que fazer.

O intervalo chegou e o Boavista que podia ter conseguido mais confortadora margem de triunfo, ganhava por 1-0, enquanto o Vitória, com direito a melhor situação, se via colocado na "mô de baixo".

A segunda parte teve início e os vimaranenses, dentro em pouco castigados com nova penalidade que Ricoca defendeu magistralmente, continuaram a lutar com entusiasmo, embora reduzidos a dez homens, chegando mesmo a ter momentos em que relegaram o Boavistas para uma defesa extenuante.

Mas sucedeu que a sorte nunca esteve pelo seu lado, e o segundo ponto, obtido pelo Boavista, veio provocar o desmoronamento das últimas ilusões.

O Vitória, mesmo assim, ainda forçou muitas vezes o ataque, mas viu sempre frustrados os seus desejos, ao contrário do Boavista, que pôde mais uma vez, por intermédio de de Laguna, tocar as redes adversárias.

Batido embora por 3-0, o Vitória não saiu da pugna desmerecido. O Boavista revelou a influencia do contacto com grupos fortes. Por vezes também ligou melhor, e todos os seus jogadores, entre os quais se distinguiram Pesqueira e Humberto, revelaram, — principalmente nas subtilezas maior conhecimento que os do Vitória.

Tolava os vimaranenses, voluntariosos, alguns com apreciáveis qualidades técnicas, como João Bom, Ricoca e Bravo, souberam lutar com galhardia, perder desportivamente, e residiu nessa circumstância, a característica mais interessante do "match".

Com êsta resultado o Vitória vê desaparecer as possibilidades de ir mais longe, nesta época, no Campeonato da II Liga.

Não deve, porém, perder ânimo, porque nos jogos efectuados o "team", demonstrou possuir recursos que fundamentam largas esperanças.

É necessário, todavia, corrigir alguma coisa, e neste capitulo, apontaremos a falta de serenidade que levou o grupo a jogar sem dois dos seus melhores elementos e durante 50 minutos, apenas com dez homens.

Ficou-nos do encontro de onte-ontem a convicção de que o Vitória, se tem alinhado com todos os titulares, saia do campo triunfante. E mesmo nas condições em que aliou, se não tem ficado reduzido a dez homens, ainda não sabemos o que seria...

O "team", encontra-se, da maneira geral, em boa forma, os jogadores também de maneira geral, tem bom fisico. Com um trio defensivo, seguro, onde se destacam João Bom — um grande jogador — e Ricoca; com uma linha média — a dos titulares — forte e constituida por elementos que cumprem; com uma linha dianteira onde também existem valores, mas principalmente com um conjunto que o impõe como "team", de categoria, o Vitória tinha, de sobejo, motivo para fundamentar as suas aspirações.

deração, pelas Associações regionais e pelos respectivos directores.

E' assim que um gesto irreflectido, inutiliza sacrificios enormes.

E' nisto que, depois do jôgo contra o Boavista, devem meditar alguns jogadores do Vitória...

O encontro foi dirigido pelo sr. Claudino Nunes, de Lisboa, cujo trabalho não pode deixar de ter agradado. Ligéiras deficiências, é certo, mas sem influencia no marcador, e a par delas, boa visão na grande maioria dos casos, imparcialidade e autoridade.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

José Roriz — Passa no próximo dia 19 do corrente o aniversário natalício do nosso prezado amigo sr. José de Sousa Roriz, activo e distinto funcionario administrativo, que, entre nós, conta inúmeras sympathias e amizades pelo seu belo trato e primorosas qualidades de carácter e intelligencia.

A este nosso amigo os nossos cumprimentos.

Fizeram e fazem anos: no dia 10 do nosso prezado amigo e activo funcionario da Repartição do Registo Civil, sr. Américo Alves Ferreira; no dia 11 a ex.ª sr.ª D. Maria Cândida Augusta de Sousa Neves, de Covelas, Trofa; no dia 13 do nosso prezado amigo e illustre Director do Internato Académico, rev. Gaspar Nunes, e o sr. Francisco Lemos, do Pevidém. no dia 19 a sr.ª D. Maria Nair da Conceição Ferraz, intelligente aluna da 3.ª classe do Liceu de Martins Sarmento.

A todas as senhoras e cavalheiros apresentamos as nossas felicitações.

Casamento

Na igreja paroquial de Nespereira, consorciaram-se o sr. João António Ribeiro, filho do sr. António Pinto Ribeiro e de sua esposa a sr.ª D. Maria Ribeiro, do Pôrto, antigo empregado superior do Banco Espírito Santo, com a sr.ª D. Maria Emilia Soares Ribeiro, gentil filha do nosso prezado amigo e importante industrial, sr. Eduardo Torcato Ribeiro e de sua esposa a sr.ª D. Antonia Soares Ribeiro, tendo sido celebrante o rev. Augusto Borges de Sá, illustrado Prior da freguesia de S. Sebastião, desta Cidade. Foram padrinhos, por parte do noivo, o sr. Alvaro de Lemos, do Banco Espírito Santo, do Pôrto, e sua ex.ª esposa, e, por parte da noiva, o sr. António Quelhas Lima, conceituado commerciante portuense, e sua ex.ª esposa. Após a cerimonia religiosa foi servido aos noivos e seus convidados, no Hotel da Penha, um lauto banquete durante o qual se trocaram muitos brindes. Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Doentes

Continua doente o nosso prezado confrãrão e amigo sr. Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

Tem passado bastante doente o sr. Rodrigo Lobo Machado.

Também tem passado incomodado os nossos prezados amigos srs. Bernardino Jordão e João Teixeira de Aguiar.

Com um forte ataque de gripe tem guardado o leito o nosso querido amigo e illustre advogado sr. dr. José Pinto Rodrigues.

Também tem estado doentes, com a gripe, os nossos amigos srs. Domingos Mendes Fernandes e Umberto Pinheiro.

Tem experimentado sensíveis melhoras a esposa do nosso prezado amigo sr. Pedro da Silva Freitas.

Continua melhor o nosso prezado amigo e conceituado farmacêutico local sr. José António Pereira.

Tem estado doente o nosso bom amigo sr. Manuel Sampaio Leite Brsto.

A todos os doentes desejamos breve restabelecimento.

Partidas e chegadas

Dev-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo e distinto colaborador sr. José Maria Pinto de Almeida, de Lordeo.

Regressou de Lisboa o também nosso prezado amigo sr. José Faria Martins.

Fizou residência, providiãriamente, em Vizeia, o nosso prezado amigo sr. José Silvério Ferreira Pinto e sua esposa a sr.ª D. Alzira Ferreira Pinto, do Pevidém.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

João de Oliveira Martins (Ferra)

Passa hoje o primeiro aniversário da morte deste sãduo vimaranense e meu chorado pai. Quero gravar aqui o seu nome para o recordar aos do seu tempo, e às novas gerações.

Não é a vaidade que me leva a ditar estas sentidas palavras, mas apenas a gratidão. Gratidão sim, para quem viveu com modéstia, com simplicidade e tinha o culto do amor à sua Terra, à familia, aos seus filhos, a quem procurou educar com carinho, fazendo-o respeitar a sua religião e os deveres para com o nosso semelhante.

Guardarei eternamente dentro do meu coração as suas qualidades de homem probo e honesto, bom e virtuoso, que desejava vêr todas as pessoas bem dispostas, com alegria, com

da cidade

Desordem

No domingo, à noite, envolveram-se em desordem, agredindo-se mutuamente, na rua de S. Dâmaso, Domingos Oliveira, José Mendes da Silva Guimarães e Manuel da Silva, todos desta cidade, os quais foram presos e entregues ao Poder Judicial. Na mesma desordem um individuo, de nome Custódio, sapateiro, natural de Braga e residente nesta cidade, na rua de S. Dâmaso, vibrou uma facada em Francisco Mourão, que recolheu ao Hospital. O mesmo individuo vibrou também uma outra facada, no lugar do Castanheiro, num pobre operário que recolheu igualmente ao Hospital.

O agressor já está a contas com a justiça.

Julgamento

Em Tribunal colectivo respondeu na quinta-feira Manuel Alves, o «Mocac», solteiro, jornalista, de 25 anos de idade, da freguesia de Caidelas, acusado do crime de envenenamento de galinhas e fogo posto numa corte, sendo condenado em 1 anno de prisão correcçional, igual tempo de multa a 1\$000 por dia e 1.000\$000 de imposto de justiça.

felicidade. Como vão rareando os homens deste quilate. Como fogem deste mundo tão ingrato os bons! Mas como creio que existe no Além o bom lugar que Deus certamente lhe dará em prémio ou recompensa da sua missão, das suas tão nobres qualidades.

Como viveu, assim deixou este mundo sem um queixume, sem rancores, sem vinganças, sem maldades, apenas bem gravado no seu semblante já frio, o sorriso e a bondade, aureolado pelo nimbo já um tanto da santidade, pois outra coisa não poderia ser quem neste vale de lágrimas, nos últimos anos da sua vida, tanto sofreu com resignação e Fé, e procurou o bem e o amor de todos nós.

Sobre a sua campa humilde vou depôr as flores da minha sentida saudade, espargindo as pétalas impregnadas de amargura, e verter as lágrimas que do coração brotam em catadupas, desta tristeza pungente que sinto ao recordar esse ente para mim tão querido.

Para lenitivo a esta grande dor, que Deus o guarde em sua companhia e que a sua alma tão bondosa descanse em paz e nos abençoe.

Aurêlio Ferra.

Rodrigo José Leite Dias

Na avançada idade de 85 anos, faleceu, na quarta-feira, na freguesia de Landim, concelho de Fomalicoã, onde já há alguns annos residia, o antigo farmacêutico local sr. Rodrigo José Leite Dias, que nesta cidade contava muitas amizades. O extinto foi um grande entusiasta do progresso da Estância da Penha e fez parte de algumas vereações Municipais, tendo exercido também, por vezes, os cargos de mesário da Santa Casa da Misericórdia, das Ordens de S. Francisco e S. Domingos, das Irmandades dos Santos Passos e S. Nicolau e outras, tendo sido também componente da direcção dos Bombeiros Voluntários.

Era tio do nosso prezado amigo e conceituado farmacêutico local sr. José Leite Dias Machado, a quem, bem como à restante familia enlutada, apresentamos condolências.

Ao seu funeral, que se realizou na manhã de quinta-feira, naquelle freguesia, foram assistir um piquete de Bombeiros e vários amigos do extinto.

Dr. Duarte Pinheiro

Em Braga, onde há algum tempo se encontrava doente, finou-se o sr. dr. José Duarte Pinheiro, que durante muitos annos exerceu o lugar de professor do Liceu Martins Sarmento, desta cidade.

No seu funeral fez se representar o nosso primeiro estabelecimento de ensino.

Pêzames à familia dorida.

Falecimento de um centenário

Numa casinha pobre da rua de Francisco Agra, onde residia, faleceu na madrugada de segunda-feira, contando 100 annos de idade, o interessante velhinho António de Freitas, casado em segundas núpcias com a sr.ª Tereza da Silva, com cerca de 80 annos. O extinto nasceu na freguesia de S. Romão de Mesão Frio, deste Concelho, tendo abraçado a profissão de carpinteiro, na qual trabalhou até aos 95 annos. Só nesta idade deixou de trabalhar para passar os seus últimos dias, descansado, na sua casinha. Era protegido pela «Casa dos Pobres» e por diversas pessoas, entre ellas pelo seu senhorio o sr. Camilo Laranjeiro dos Reis. O venerando ancião que conservou sempre as suas faculdades mentais nunca deixou de fumar, e contava ainda episodios interessantes de tempos muito afastados. Ao pobre velhinho nunca faltou nada. Vivia com todo o conforto, agasalhos, boa alimentação, etc., e era frequentemente visitado pelo sr. José Laranjeiro dos Reis que o tratava, há alguns annos já, com verdadeiro carinho.

A sua morte deve-se ao falecimento, inesperado, de uma sua sobrinha, occorrido dois dias antes, por desas-

Mocidade Portuguesa

Conforme estava anunciado visitaram-nos ontem cerca de 300 filia-dos da Mocidade Portuguesa, da Cidade de Braga, que eram aguardados no Proposto pela banda de musica das Oficinas de S. José, cujos componentes envergavam a farda da M. P. e por um «Castelo» da M. P. desta Cidade, e ainda por vários dirigentes da mesma patriótica instituição e muito povo.

Após ligeira troca de cumprimentos organizou-se um longo cortejo que percorreu as ruas da Cidade em direcção ao Castelo de Guimarães, onde falou o instrutor da M. P. de Guimarães, sr. dr. Costa Antunes, que proferiu uma brilhante allocução.

Começou assim: «Quinas, Castelos, Bandeira — bloco de gente moça de Portugal: — firme! Foi nesta terra que a Nação Portuguesa, obteve o facto que haveria de marchar até ao confim do Território, sempre com a mesma luz fulgente. Daqui, se bradou pela posse de um País e se gerou o que alcançava essa Conquista.

Mocidade Portuguesa: à distancia dos séculos sãmos chamados para a reflexão séria, para a análise ponderada e para a meditação sobre o valor da Raça. Joga-se uma partida decisiva no xadrez das ideias e é a Juventude que se oferece o lugar, à banca do jôgo, sinalizando os rumos. Avocados para a reunião já dissemos — presente!»

Faz algumas e interessantes considerações e continua:

«Queremos o interesse nacional acima da barafunda dos povos, queremos o Estado poderoso que saiba manter esse interesse. E nós, se reflectimos debruçados nos livros da nossa Epopeia, é para irmos buscar aonde se encontra esse interesse, esse Estado — apañajo de Portugal.

«Sãmos assim nacionalistas pela virtude moral de oferecermos à Pátria o que lhe é devido — Pátria que é Familia, Familia à qual dedicamos o nosso Amor.

Mas, ia-me a esquecer de que ao principio vos dissera que fora nesta alcafitia que poisara a Nação Portuguesa. E que um grito de revolta levou a cavalgar com os pendões das quinas por um território em mãos diversas, obtendo-o para si até formar estes limites, dentro dos quais nós nos movemos. A' distancia de oito séculos Portugal mantém a posição geográfica que os nossos homens de armas rasgarão e tallaram. Milagre é esse, gente nova de Portugal, porque as outras nações têm oscilado ao sópro do egoismo humano. E nós conservamos o legado dos nossos Avós.»

Aponta a seguir curiosos factos da nossa história e tira algumas conclusões e termina:

«Sãmos os portadores das quinas triunfantes das pelejas: aqui nos apresentamos como mantedores dos Castelos que à moirama sem fim em Cristo, conquistamos aforadamente — eis a nossa bandeira onde a Cruz de Avis assinala que Portugal não dorme.

Quinas, Castelos, Bandeira — Mocidade Portuguesa: — Firme! Glorificai a Pátria porque já ela vos glorificou.»

Seguidamente usou da palavra o sr. dr. Alberto Cruz, de Braga, que proferiu, igualmente, uma brilhante allocução, sendo ambos muito aplaudidos.

O cortejo desfilou depois, novamente, pelas ruas da Cidade, por entre os olhares curiosos dos populares que se juntaram em diversos pontos e estacionou por momentos na Praça de D. Afonso Henriques, onde a M. P. prestou homenagem ao Rei Fundador depondo flores no seu monumento e falando, com entusiasmo, o rev. Aloísio, de Braga.

Após esta homenagem todos se dirigiram para a Estância da Penha, onde almoçaram, retirando à tarde para Braga.

tre, facto que abalou profundamente a saúde do pobre centenário.

O seu funeral, feito a expensas do sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, realizou-se na terça-feira à tarde na capela da V. O. T. de S. Domingos, onde o cadáver esteve exposto durante o dia, tendo ali accorrido muitas pessoas que oraram pelo eterno descanso do simpático velhinho.

No préstito fúnebre que acompanhou o cadáver à sua última morada e que foi feito a pé, segundo pedido do finado, incorporaram-se muitas pessoas, entre as quais a familia Laranjeiro.

Que descanse em paz a boa alma do venerando ancião!

— Em consequência de uma queda faleceu, na R. Francisco Agra, a serviçal Isabel Fernandes.

Manuel dos Anjos

Num dos Hospitais do Pôrto, onde há dias havia recolhido a fim de ser operado, finou-se, na quinta-feira, o industrial vimaranense sr. Manuel dos Anjos, genro do sr. António de Castro Martins, a quem, bem como à restante familia dorida, apresentamos as nossas condolências.

O cadáver foi trasladado do Pôrto para esta cidade, para a casa da residência do extinto, na quinta-feira à noite, tendo-se realizado o funeral na sexta-feira às 18 horas para o Cemitério Municipal em cuja capela e perante numerosa assistência, fóram celebrados os officios de sepultura.

Missa

Sufragando a alma do sr. João de Oliveira Martins será celebrada uma missa no próximo dia 15, às 8 horas, na igreja da Misericórdia.

Do Concelho

Várias notícias

S. Torcato, 9 — Por ter dado uma queda, encontra-se bastante ferido, no pé esquerdo, o sapateiro João Nogueira. Desejamos rápidas melhoras.

— Encontra-se muito doente a senhora D. Beatriz de Sousa Gomes, esposa do nosso amigo sr. Bernardino de Oliveira Fernandes Guimarães. Desejamos as melhores da bondosa senhora.

— Em Gominhães vai brevemente ser nomeada uma Comissão encarregada de angariar donativos para a construção dum edifício escolar naquela freguesia.

— Parecem ter já principiado na segunda-feira os trabalhos para a abertura da nova estrada que do lugar da Corredoura, segue pelas freguesias de Atães e Rendufe e que já há bastante tempo se encontravam paralisadas.

C.



Uma mulher bonita, sem jóias,
é apenas uma mulher bonita...
Uma mulher bonita, com uma
jóia, é uma mulher
bonita duas vezes!

Ouivesaria Ancora
Rua 31 de Janeiro, 21 a 25
Telefone, 6078 PORTO

Concurso Pecuário

Promovida pela «Bovina de Santo António» e com a cooperação da Direcção Geral dos Serviços Pecuários e da Câmara Municipal de Guimarães, realiza-se hoje, 13, na freguesia de Moreira de Cónegos, uma parada de gado bovino, seguida de um «Concurso Pecuário», sendo conferidos diversos prémios aos melhores exemplares expostos.

Esta parada e concurso, vem a ser realizada já há alguns anos, tendo sido muito concorrida nos anos anteriores.

O júri de classificação é constituído pelo Delegado do Ministério da Agricultura, por um médico-veterinário e um lavrador indicado pela Direcção da «Bovina».

BOM EMPREGO DE CAPITAL

Vendem-se

Uma morada de casas no Largo Conselheiro João Franco com o N.º 19 — devoluta.

Outra morada na rua do Espírito Santo com os N.ºs 5 e 7.

O casal da Granja de Cima, situado na freguesia de S. Mamede de Aldão, que paga dez carros de medidas e produz cerca de 15 pipas de vinho. (43)

Aceitam propostas os Srs. Drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos (Advogados) e Luis d'Oliveira Bastos — Rua da República, 11 e 13.

Recurso atendido

Com a entrada em vigor do actual Código Administrativo, tiveram as Câmaras Municipais de organizar o quadro do seu pessoal de harmonia com as disposições da nova Lei.

Em Guimarães, a Câmara de então, passou um antigo Amanuense do Matadouro a simples cobrador e, portanto, sujeito ao regime de contrato. O atingido por essa medida foi o sr. Mário Gomes Alves, filho do falecido e nosso saído amigo sr. José Maria Gomes Alves, que durante muitos anos desempenhou as funções de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal deste concelho. Não se conformando, porém, com a deliberação tomada, o sr. Mário Gomes Alves levou recurso junto de quem de direito — a Auditoria Administrativa, que lhe deu provimento. Há poucos dias, foi esse recurso julgado favoravelmente ao interessado, mantendo-lhe os seus direitos e evitando-lhe, portanto, qualquer prejuízo moral e material.

Felicitemos o sr. Mário Gomes Alves pela justiça que as Entidades superiores lhe fizeram, e, bem assim, a actual Câmara Municipal deste concelho, pois que já deliberou não recorrer da sentença em referência.

PRÉDIOS

Vendem-se os da Rua de Francisco Agra com os n.ºs 51 a 57.
Nesta redacção se informa. (46)

Um bom Pó de Arroz de composição técnica moderna e perfeita deve atender a três requisitos fundamentais:

- 1.º Ter uma judiciosa combinação de elementos dérmicos que conservem a saúde da pele.
- 2.º Ter uma aderência permanente e qualidades que façam eliminar das peles oleosas o excesso de secreção e transmita ás más secas a sua falta.
- 3.º Ter um perfume suave, fresco e agradável que seja absolutamente isento de substâncias corrosivas.

Estas são as características de Pó de Arroz «HARLESS».

Agente em
Guimarães

HARLESS

Perfumarias de grande classe

A marca que apresenta os seus finissimos perfumes nos mais originais estojos próprios para brinds.

DEPOSITÁRIO:
PERFUMARIA DA MODA

5, R. do Carmo, 7 — Lisboa

A «Central das Meias», de: CAMILO LARANJEIRO DOS REIS — TOURAL

“KAPELL”,
“KAPELL”,
“KAPELL”,

Considerada marca de EDREDONS, de enchimento higiénico, acabamento perfeito, qualidade superior e desenhos lindos e luxuosos.

Vendidos exclusivamente nos

Armazéns da Capela

70, R. das Carmelitas, 76 --- II, R. Cândido Reis, 23

TELEF. 1885

PORTO

Benjamim de Matos & C.ª, L.ª

A Casa que mais barato vende e que melhor sortido tem.

SALDOS FIM DE ESTAÇÃO DE INVERNO.
Malhas, fazendas de lã, Casimiras, chales, etc., a preços baixos.

VENDAS A PRESTAÇÕES SEMANAIS
de 1\$00, 2\$50, e 5\$00, com bónus, de 25\$00, 60\$00 e 150\$00.

Por 5\$00 todos podem conseguir nesta Casa um fato, um vestido, um edredon ou fazendas, no valor de 150\$00.

CASA DO LEQUE -- TOURAL, 105 -- GUIMARÃIS

Agência “ROYAL”,

Largo da Cancela Velha, 27 - 1.º

PORTO

Compra e venda de propriedades. Administração de Imóveis. Hipotecas. Alugueres. Trespases. Liquidação de heranças. Cobranças de dívidas.

FINANÇAS: Contribuições. Impostos. Licenças. Alvarás. Marcas. Patentes e tôdas as questões que se ligam com o fisco. Registo de marcas.

INFORMAÇÕES COMERCIAIS E PARTICULARES.
VIGILANCIAS. INQUERITOS E INVESTIGAÇÕES.

Regularização de serviços Militares.

Trata de qualquer assunto comercial, industrial ou particular em qualquer ponto do País e do Estrangeiro, especialmente Brasil. Peça consultas sem compromisso. (32)

TUBOS CIMENTO



Para canalizar água, são de todos os melhores, porque nêles não entra o raposo e são os mais baratos, porque custam menos que qualquer outro.

Se alguém tiver dúvida do seu bom resultado, indiquem-se nomes e moradas onde já existem instalações feitas; toma-se a responsabilidade do seu bom resultado.

Depósito: A. J. Ferreira da Cunha

PRAÇA DE D. AFONSO HENRIQUES

38 — GUIMARÃIS — 39

Banco de Barcelos

Fundado em 1875

Agência em Guimarães

Largo do Toural

(Instalação da antiga Secção Bancária da firma SOUSA JUNIOR, SUCRS.)

Depósito à Ordem e a Praso, Descontos, Transferências, Saques, Compra e Venda de Papeis de Crédito e Cupões, Cobrança de Juros e de Dividendos.

Tôdas as operações bancárias permitidas por lei. (37)

TELEFONES { BARCELOS N.º 31
GUIMARÃIS " 60

COMPRA-SE

Latão, cobre, bronze, alumínio, estanho e chumbo velho. Quem tiver para vender queira falar na Praça D. Afonso Henriques, 38 e 39 — LOJA DE FERRAGENS — A. J. Ferreira da Cunha — Guimarães. (36)

Bom negócio

Vende-se uma Propriedade pelo preço que se garante para já na renda de 8 %, podendo para futuro dar 15 a 20 %. Para informações, Rua de S. Dâmaso n.º 2 — Guimarães. (34)

VENDEM-SE

Duas varandas de ferro com o comprimento de 2,07 e um fogão para aquecimento de sala. Falar na Praça D. Afonso Henriques n.º 38 e 39, LOJA DE FERRAGENS — A. J. Ferreira da Cunha — Guimarães. (37)